



Revista Portuguesa de Educação Artística,
Volume 10, N.º 1, 2020
DOI: 10.23828/rpea.v10i1.150
<https://rpea.madeira.gov.pt>

Um *Habitus* Singular e Multifacetado – Os Jesuítas. Contingências, Idiosincrasias e Estratégias de Reconhecimento na Condição de Demiurgos e Difusores da Fé

A Singular and Multifaceted *Habitus* – The Jesuits.
Contingencies, Idiosyncrasies and Recognition Strategies
in the Condition of Demiurges and Faith Spreaders

Carmen Diego Gonçalves

Investigadora Integrada no Sistema de Investigação Científica Nacional – FCT
Independent Scholar & Consultant
cdiegogoncalves@gmail.com

RESUMO

Partindo do conceito de *habitus*, não dissociado dos “universos puros”, tanto na arte, quanto na ciência, como na religião, e com base, nos conceitos de campo e de estratégia(s) faz-se uma reflexão sobre o *habitus* específico e multidimensional dos membros da Companhia de Jesus, abordando alguns dos aspectos do seu périplo pelo mundo. Trata-se de uma reflexão sobre um *habitus* singular, missionário, incorporando estratégias de difusão e implementação da fé cristã e do reconhecimento de práticas, por via de migrações religiosas, que não se separam do ensino, da cultura, da ciência, enfim, do conhecimento e da aculturação de indígenas, onde as arte(s) não deixam de estar presentes, na e para uma apropriação de significância simbólica.

Palavras-chave: *Habitus*; Jesuítas; Conceito de Campo; Estratégias; Difusão Religiosa; Aculturação

ABSTRACT

Starting from the concept of *habitus*, not dissociated from the “pure universes”, both in art, as in science, as in religion, and based on the concepts of field and strategy(s), a reflection is made about the specific and multidimensional *habitus* of the members of the Company of Jesus, covering some aspects of their journey around the world. It is a reflection on a singular, missionary *habitus*, incorporating strategies for the diffusion and implementation of the Christian faith and the recognition of practices, through religious migrations, which are not separated from teaching, culture, science, in short, from knowledge and acculturation of indigenous people, where art(s) are still present, in and for an appropriation of symbolic significance.

Keywords: *Habitus*; Jesuits; “Field” Concept; Strategies; Spread of Faith; Acculturation

1. Introdução

O “*habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural” (Bourdieu, 1989:61), que reclama para a sua compreensão, tanto os espaços concretos – o(s) campo(s) onde são interiorizadas (as disposições individuais e colectivas) – como também os processos de socialização característicos desses campos (Bourdieu, 1984). É um conhecimento adquirido, interiorizado, e ao mesmo tempo um haver, um capital de um agente em acção, que se inscreve no próprio corpo; já que o corpo é veículo de socialização, porque de aprendizagem, ligando-se, assim, o corpo a um trabalho pedagógico. E, na medida em que qualquer acção pedagógica envolve a interiorização e desempenho de um “arbitrário cultural”, remete para a imposição de um poder simbólico, logo de uma ideologia, na politização do corpo, inculcando um *habitus*¹.

Por sua vez, os “universos puros”, quer sejam da arte, da ciência, do conhecimento, em suma, das *artes do saber* “mais puras”, e sua difusão, estão vinculados a campos sociais onde se desenvolvem estratégias, função de interesses imediatos e fundamentais, com vista à obtenção do reconhecimento, do prestígio e da autoridade, adquiridos pelo desempenho de práticas, que os agentes desejam ver reconhecidas de competentes, senão mesmo de excelentes, dentro e fora do seu campo de pertença. Os interesses – imediatos ou fundamentais – associados às

estratégias dos agentes estão, assim, em relação com as representações² e o poder simbólico que produzem e reproduzem, garantindo, desta forma, o reconhecimento e o prestígio necessários à prossecução dos interesses dos agentes, objectivados em reconhecidas *práticas legítimas* (Diego Gonçalves, 1996).

E, os julgamentos sobre a competência dos agentes de um determinado campo não poderão ser desinseridos das posições ocupadas na hierarquia do campo, as quais sendo simbolicamente visíveis contribuem para a formação de representações que legitimam essa competência e autoridade; elegendo os que conseguem mobilizar os recursos necessários e disponíveis com vista ao reconhecimento da sua competência singular, ou colectiva, logo ao reconhecimento da sua autoridade no campo, e sua extensão de reconhecimento social, em íntima relação de atribuição mútua, por referência concreta à quantidade e sobretudo à qualidade de títulos objectivados no que respeita ao capital específico, para tanto necessário (*id.*).

Ora, se esta questão se coloca de uma forma clara nos campos dos cientistas e artistas, e sua relação com o mundo dos profanos, coloca-se igualmente no campo dos religiosos e difusores da fé, quer sejam entidades individuais ou grupos, em torno do entendimento e aceitação do resultado de um trabalho, legitimando-o por via do reconhecimento do seu valor enquanto criadores de visões do mundo (demiurgos), função de uma série de atributos, socialmente visíveis, e do seu

1 “Qualquer sociedade, na medida em que visa inculcar pela acção pedagógica um *habitus* cujo princípio é o arbitrário cultural da ordem que a funda, tende a confiar toda uma sabedoria ao corpo, mas da maneira mais implícita possível, de modo que, criando ordem no corpo, possa fazer do corpo o melhor guardião da ordem, o seu servo mais directo. (In Pinto, 1978: 113).

2 As representações são, a um tempo, o reflexo das relações sociais e a sua génese. São simultaneamente classificáveis e classificatórias. Engendradas, também, pelo *habitus*, as representações podem definir-se como um sistema de percepções duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona como matriz de percepções, de apreciações e de acções.

grau de impacto, pois que interferem na qualidade da receção dos “produtos” e, portanto, no retorno à comunidade dos pares da maior ou menor legitimação do seu trabalho.

Por isto, Pierre Bourdieu (1984; 1989) refere que a existência de “homologias estruturais e funcionais em todos os campos” permite a transposição de conclusões analógicas entre os campos, sendo neste sentido que, a comparação entre os campos, e sobretudo de atividades, que atravessando vários campos, e não deixando de manter a singularidade de um *habitus*, se revestem de eficácia heurística.

Assim, as (di)visões do mundo devem ser vistas em termos de divisões de saberes, e de especificidades organizacionais, historicamente enquadradas, condicionando a hierarquia social dos objectos de interesse nos respectivos campos de produção de saberes, pois que remetem para princípios de hierarquização de práticas dos agentes.

Então, as reflexões sobre as instituições produtoras e difusoras de cultura, de conhecimento, de difusão de fé, deverá orientar-se no sentido de procurar conhecer o conjunto de campos, e de práticas inerentes ao seu funcionamento e, no âmbito dos quais, se produzem representações que modelam as estratégias individuais ou colectivas.

É neste âmbito que enquadrámos as acções dos agentes da Companhia de Jesus, que surgiu com o objetivo missionário de espalhar a fé cristã, não estando, então, previsto que se tornasse numa ordem religiosa especialmente consagrada ao ensino e que teve impacto político, de aculturação, impacto de âmbito cultural e arquitectónico

nos locais por onde “passaram” – caracterizando o seu périplo pelo mundo, na propagação da fé e no (trans)(multi)culturalismo das suas missões³, configurando o que poderemos denominar de “singularidade” do *habitus* jesuíta.

2. Singularidade (Colectiva) e Multifacetada do *Habitus* Jesuíta

A Companhia de Jesus nasceu no clima de reforma espiritual e assumiu as atitudes dos movimentos espirituais da época: 1) De olhos abertos para o mundo, observando as necessidades, estudando os problemas. Não se retiram na solidão nem salvam devoções anteriores. Assumem os valores do momento: interioridade, concentração pessoal, de apreço pela reforma, humanismo. Travam os perigos: mundanização, apego, peso demasiado do naturalismo. 2) Mãos abertas para acolher as pessoas extraviadas e pés em movimento para se aproximarem com entrega incondicional para desterrar a miséria e pecado. Importava conseguir sustento para os pobres, organizar centros de irradiação espiritual e de culto, fundar associações modernas, criar centros de educação, reorganizar as forças diretivas. 3) Simpatia acolhedora, compreensão dos que se aproximam, com realismo e eficácia, ajustando o trabalho à capacidade. 4) Viver em urgência apostólica contínua, nascida de uma moção interior (Azevedo, 2014, 34).

³ Ao longo do texto, quando se refere “missão” ou “missões” estamos a remeter para o ato de enviar ou ser enviado, encargo, incumbência, desempenho de um dever. Mas, quando usados os termos “Missão” ou Missões referimo-nos ao local onde se estabeleceram os missionários jesuítas.

Como Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, em 1534, e os outros membros, tinham frequentado a Universidade, consideraram a importância estratégica de abrir “Casas” ou “Residências” junto das Universidades onde se formariam os novos membros da Companhia, garantindo, desta forma, o seu campo, o seu corpo e o seu estilo de pensamento⁴, descrito, acima, por Azevedo (2014). Assim ocorreu em Paris, em 1540, posteriormente em Coimbra, Lovaina e Pádua. E só mais tarde, também por um interesse imediato que viria a torna-se fundamental, configurando, assim, uma estratégia, é que essas “Residências” se transformaram em “Colégios”, onde o ensino consistia numa forma de transmissão de conhecimento e de difusão dos valores da fé cristã da Companhia.

A missão dos jesuítas é diversificada; assenta no anúncio da fé, na promoção da justiça, educação, e no diálogo com a cultura – e assim se corporiza um campo de pertença e de acção e se interioriza e reproduz um *habitus* específico, multifacetado de interacções sociais, enquadrado no seu périplo por Portugal e pelo mundo, tanto no que respeita a objectivos missionários de propagação de uma fé cristã, quanto em termos de ensino, seja de conhecimento, filosófico, científico, como de artes e ofícios e desta forma de aculturação de povos. E este *habitus* assenta num trabalho participado com os povos com quem convivem.

Neste sentido, o plano educacional-catequético idealizado por Manuel da Nóbrega⁵ que se

baseava no *Ratio Studiorum* dos Jesuítas⁶ foi, no entanto, adaptado por Nóbrega perante a realidade nacional prevendo como ponto de partida as escolas de ler e escrever, onde, além da língua portuguesa, se praticava o ensino da fé cristã. Em 1599 foi o ano em que se publicou o programa do *Ratio*. O *Ratio* surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de Colégios confiados à Companhia de Jesus, base de uma expansão na sua essência missionária. Constituiu-se numa sistematização da pedagogia jesuítica contendo 467 regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino e recomendava que o professor nunca se afastasse do estilo filosófico de Aristóteles e da teologia de Santo Tomás de Aquino (Ribeiro, 2001).

Ora, aproveitando o esforço expansionista dos dois maiores impérios da altura – o português e o espanhol – os jesuítas vão estar presentes nos então denominados “novos mundos” desde o início da colonização.



Figura 1 – A ação dos padres jesuítas no Brasil – Mundo Educação. Fonte: mundoeducacao.bol.uol.com.br

4 Sobre estilos de pensamento cf. Fleck, 1981; Diego Gonçalves, 2002.

5 Manuel da Nóbrega foi um sacerdote jesuíta português, chefe da primeira missão jesuítica à América. As cartas enviadas aos seus superiores são documentos históricos sobre o Brasil colonial e a ação jesuítica no século XVI.

6 O *Ratio Studiorum* (o método pedagógico dos jesuítas que consiste na organização e plano de estudos da Companhia de Jesus, contém as regras do “provincial” jesuíta) – é uma espécie de coletânea, fundamentada em experiências vivenciadas no Colégio Romano a que foram adicionadas observações pedagógicas de diversos outros Colégios, cujo objetivo era instruir rapidamente todo o jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo.

E, quando, na impossibilidade de converter a população adulta, os jesuítas perceberam que era pela educação das crianças (um processo de socialização primeira, tal como a que acontece no seio familiar, ou em outro contexto em que qualquer criança seja educada, pelo ensino, transmissão de valores, padrões de comportamento, interiorização de modelos...) que se poderia fazer a *renovação do mundo*. Assim, S. Francisco Xavier percorrerá a Índia, a Indonésia, o Japão e chega às portas da China. Manoel da Nóbrega e José de Anchieta ajudam a fundar as primeiras cidades do Brasil (S. Salvador, São. Paulo, Rio de Janeiro). João Nunes Barreto e André de Oviedo empreenderam, por sua vez, a fracassada missão na Etiópia.

A difusão dos saberes levada a cabo pelos jesuítas está intrínseca e genuinamente imbrincada numa visão do mundo na qual acreditam como de mais-valia para o propósito angular da difusão da fé cristã, associado à difusão dos valores ocidentais, sendo para tanto necessário garantir o seu campo de acção e consequentemente corporizando um *habitus* específico que dava corpo ao seu estilo de pensamento, o da renovação do mundo, por via da catequização, procurando assemelhar o então denominado Novo Mundo à sociedade europeia.

Em estudos levados a cabo sobre os jesuítas no Brasil, fica evidente que o objetivo era o de instruir o indígena à moda europeia, promovendo a sua civilização. Além disso a elite colonial seria instruída em valores morais cristãos, segundo a lógica da Reforma Católica do Século XVI. Assim, teríamos a mesma escola, mas com objetivos bem diferentes: para a elite, a instrução moral e

administrativa; para os nativos a catequese (Ribeiro, 2001).

Sendo neste sentido possível afirmar que as estratégias, moldadas pelas representações, reportam à orientação das práticas, evidenciando a capacidade reflexiva dos agentes no campo, em função de objetivos previstos (Diego Gonçalves, 1996, *op. cit.*). Por sua vez, é no delinear das mesmas que se equacionam as motivações com os projectos individuais (Velho, 1981). Sendo nesta relação de interinfluência, entre interesses subjectivos e objectivos que se desencadeiam as práticas estratégicas dos jesuítas pelo mundo.

Será, portanto, no princípio das estratégias, que se torna possível prever tanto a tendência para reprodução da ordem contínua das regularidades objectivas, como as manifestações de ordem descontínua implicadas na mudança, inscrita no *habitus*⁷. Princípio, aquele que, no entanto, não deve ser reduzido a um cálculo cínico, na via da maximização exponencial do proveito específico a cada campo, dando origem a estratégias do actor, segundo uma relação sobretudo inconsciente, entre um *habitus* e um campo (Costa, 1992).

Em suma, sendo o *habitus* um dos conceitos fundamentais em que se articula a proposta de Bourdieu – e para cuja definição contribuíram sugestões de Mauss, Weber, Saussure, Husserl – representa uma matriz de percepções geradora de acções, e de respostas, articulando práticas

7 Ressalvando, no entanto, a "excessiva" capacidade explicativa do conceito de *habitus*, Bourdieu explicita a lógica das estratégias inscrita no *habitus*: "(Le mot d'intérêt, que j'ai plusieurs fois employé, est aussi très dangereux parce qu'il risque d'évoquer un utilitarisme qui est le degré zéro de la sociologie). L'*habitus*, système de dispositions acquises par l'apprentissage implicite ou explicite qui fonctionne comme un système de schèmes générateurs, est générateur de stratégies qui peuvent être objectivement conformes aux intérêts objectifs de leurs auteurs sans avoir été expressément conçues à cette fin". (Bourdieu, 1980: 119-20).

e estruturas, produção e reprodução, condições simbólicas e propriedades materiais, numa dialéctica da acção estruturada e estruturante que ultrapassa as dimensões, pura e radicalmente objectiva ou subjectiva, dando conta das regularidades do universo material do mundo social, através do produto dessas mesmas regularidades, relacionando as propriedades objectivas e a dimensão subjectiva que condicionam, mas que lhes atribui significado, e cujas variantes não se reduzem a um único aspecto, antes reflectem uma série de condicionantes que enformam as práticas, as quais nos indicam o *habitus*, de classe, cultural – artístico, científico, religioso, etc⁸.

O *habitus* jesuíta liga, assim, as facetas da religião, do ensino, do saber, da cultura, da ciência, da arte, do conhecimento.



Figura 2 – Manuscrito Jesuíta revela o conhecimento astronómico nas Missões. Fonte: portaldasmissoes.com.br

8 “systèmes de dispositions durables et transposables, structures structurés prédisposées à fonctionner comme structures structurantes, c’est-à-dire en tant que principes générateurs et organisateurs de pratiques et de représentations (...) Comme tous les concepts dispositionnels, le concept d’*habitus*, que l’ensemble de ses usages historiques prédispose à désigner un système de dispositions acquises, permanentes et génératrices, vaut peut-être avant tout par les faux problèmes et les fausses solutions qu’il élimine, les questions qu’il permet de mieux poser ou de résoudre, les difficultés proprement scientifiques qu’il fait surgir.” (Bourdieu, 1980: 88-9).

Um *habitus* que, por um lado, é a expressão de disposições, que correspondem à interiorização das propriedades estruturais objetivas do seu campo específico, e que se objectiva, por outro, na sua exteriorização – pelas práticas.

2.1. Sobre o Efeito de Campo na Condição de Demiurgo e Difusor da Fé

Concretamente, no que concerne ao campo de produção cultural, seja artística, literária ou científica, ou até de cariz religioso, a propriedade comum “é a da lógica propriamente mágica da produção do produtor e do produto como feitiços” (Bourdieu, 1984) – em que o grau de legitimidade dos produtos se encontra em relação de ordem inversa – sobretudo em termos da auto-imagem do criador – com o aspeto “económico” das práticas – e cuja objectivação “implica sempre uma forma de dessacralização” (id.).

No caso dos jesuítas, o criador, singular, nunca deixa de ser colectivo e participativo, pois muito embora haja figuras singulares que se destacaram, sempre laboravam em nome de um grupo, um corpo, que se define por um estilo de pensamento – o da Companhia de Jesus – diluindo o propósito individual nos objectivos colectivos, que eram participativos com os povos dos locais onde se implementavam, porque as suas missões pelo mundo assim o exigiam enquanto estratégia de reconhecimento e implementação.

E ainda para se perceber o que é essencial num determinado campo – analisado na perspectiva de um subespaço, constituinte de um espaço mais abrangente – o campo social, que é em si mesmo multidimensional; sistema aberto de cam-

pos relativamente autónomos e mais ou menos subordinados ao campo de produção económica e ao campo político – também se torna necessário e fundamental considerar a sua própria história até se instituir enquanto universo de produção simbólica, relativamente autónomo. Dado que pela análise da história se torna possível aceder à lógica explicativa, não necessariamente determinista, dos acontecimentos na época e, interrelacionando-os contribuir tanto para uma melhor compreensão do presente, como também para a compreensão do delinear de estratégias de acção dos agentes.

2.2. Expulsão de Portugal e Ensino no Brasil

Vejamos, como exemplo, a acção dos missionários jesuítas no Brasil, até meados do século XVIII, altura da sua expulsão de Portugal e do Brasil por Marquês de Pombal.

A história do Ensino no Brasil, levada a efeito pelos jesuítas é um tema importante porque através da análise sócio histórica do passado podemos compreender o presente.

Grande parte do processo de ocupação do território brasileiro deve-se à acção dos jesuítas, às suas artes, no esforço português de colonização do Novo Mundo. Uma acção que se prolongou de maneira ininterrupta durante mais de dois séculos (1549-1759), construindo Colégios, seminários, fazendas, engenhos, quintas e aldeamentos, conjugados a igrejas e capelas, em pontos estratégicos ao longo de todo o litoral do país.

Considerando, também, as críticas em relação à tentativa de aculturação dos índios, no caso da

Educação do Brasil, os jesuítas tiveram, de facto, um papel de grande impacto pois foram durante praticamente dois séculos os seus responsáveis.

Para isso havia escolas práticas de artes e ofícios onde eram produzidos utensílios, talhas, esculturas e pinturas, destacando-se os trabalhos em madeira e cerâmica.



Figura 3 – Ensino de Arte no Brasil Colónia: o legado dos jesuítas. Fonte: cacholamagica.blogspot.com

Mas, os jesuítas, por influência do pensamento platónico, valorizavam as atividades do pensamento como a filosofia, a literatura e a música em detrimento das artes manuais e até das artes plásticas.

No entanto, a produção plástica ligada aos jesuítas foi bastante significativa, assim como a música, relacionando as atividades religiosas às necessidades do quotidiano.



Figura 4 – Ensino de Arte no Brasil Colónia: o legado dos jesuítas. Fonte: cacholamagica.blogspot.com

2.2.1. Reduções Jesuítas

Tanto em território português como espanhol (América do Sul), os jesuítas concentraram-se nas Missões Guaranis com importantes Reduções (aldeamento em que jesuítas e franciscanos confinavam os indígenas – do séc. XVII em diante –, a fim de convertê-los à fé católica).

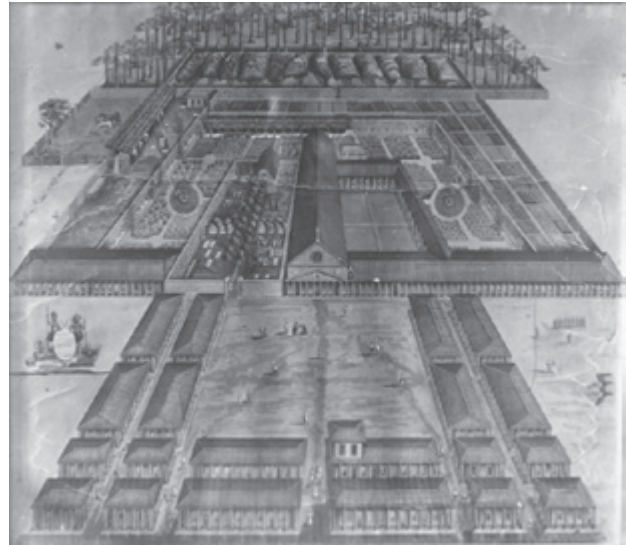


Figura 6 – Redução Jesuíta. O sofisticado plano urbanístico da Redução de São João Batista, no Rio Grande do Sul, parte de um núcleo missionário guarani estabelecido na região de fronteira entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina, que tem sido considerado a mais acabada expressão do ideal organizador dos jesuítas. (Fonte: pt.wikipedia.org).



Figura 5 – Ensino de Arte no Brasil Colônia: o legado dos jesuítas. Fonte: cacholamagica.blogspot.com

Embora não consensual, nos trabalhos levados a efeito sobre a história dos jesuítas (Azevedo, 1976), é de salientar que o seu papel no âmbito da educação se destacou por representarem a primeira institucionalização educacional que procurou romper com a dicotomia das práticas educativas dominantes da época, que perpetuavam uma socialização de classes dicotômica – aprendizagem do ofício das armas (para a nobreza) e aprendizagem dos ofícios (para as classes populares medievais) – votando-se ao ensino transversal e não socialmente dicotômico das letras e filosofia.

Não obstante, segundo alguns autores (nomeadamente, Ribeiro, 2001), até aos dias atuais convivemos com reminiscências da educação jesuítica no Brasil: subordinação entre quem ensina e quem aprende, valorização dos saberes dissociados da vida social e cultural; implementação de aulas em espaços fechados; classificação entre cultos e ignorantes; instauração consciente e inconsciente de um aparato disciplinar de penalização e moralização dos educandos.

Segundo Marzal (1999), as Missões jesuíticas na América do Sul, também chamadas de Reduções, foram os aldeamentos indígenas organizados e administrados pelos padres jesuítas no então denominado Novo Mundo, como parte de sua obra de cunho civilizador e evangelizador.

Nas Reduções jesuíticas, também, a música fazia parte do quotidiano do convívio entre jesuítas e indígenas, que aprenderam a tocar os ins-

trumentos ocidentais e a cantar em coro. Inicialmente os instrumentos eram trazidos da Europa para depois serem copiados e produzidos pelos missionários, sendo comum a presença de uma pequena orquestra em cada uma das Reduções.

A dança e as representações também faziam parte das atividades dessas comunidades e estavam ligadas aos cultos e festas religiosas.

O exercício artístico estava direcionado aos religiosos e aos seus ajudantes (indígenas, escravos e civis). O processo didático pautava-se pela observação e imitação do aprendiz em relação ao mestre. A influência da concepção jesuítica de artes e ofícios, baseado na formação de artesãos ou artífices, em princípio, e de artistas mais tarde estendeu-se indiretamente até a primeira metade do século XX, apesar de assumir outras denominações como ensino do desenho.

No que diz respeito às artes visuais o legado da educação jesuítica foi a pouca valorização que esta recebeu, assumindo uma posição subalterna em relação a outros saberes considerados artísticos como a literatura.

E, assim, também no campo dos jesuítas, enquanto difusores da fé, existe sempre uma *transubstanciação* do trabalho espiritual, que poderá ser denominado de intelectual, num determinado tipo de ganho – catequizar os povos – de acordo com um determinado tipo de investimento – o da difusão da fé, em nome da vida de Jesus, e propagação de valores e práticas ocidentais -, sobretudo no que se refere ao papel dos investimentos com vista a reproduzir a crença no valor de um produto – o da fé cristã – que nunca deixou de, sendo simbólico, simultaneamente, ser cultural, económico e político, diríamos também civiliza-

cional⁹ (não tecendo aqui considerações sobre o efeito etnocêntrico deste trabalho de difusão da fé, que se consubstanciava numa acção missionária), e que consistia sempre num trabalho de cariz antropológico a exemplo dos pioneiros trabalhos de investigação antropológica em contextos não ocidentais e até de cariz sociológico, a exemplo dos trabalhos de campo da corrente etnográfica, com cariz de observação participante.

O objetivo principal das Missões jesuíticas levadas a efeito nas Reduções, foi de facto o de criar uma sociedade com os benefícios e qualidades da sociedade cristã europeia, mas isenta dos seus vícios e maldades. Essas Missões foram fundadas pelos jesuítas em toda a América colonial, o que, segundo Marzal (*op.cit.*), sintetizando a visão de outros estudiosos, constituem uma das mais notáveis utopias da história. E este “confinamento” dos indígenas, naqueles aldeamentos, ou Reduções, viria a revelar-se uma estratégia fatal quando Marquês de Pombal procurou erradicar os índios pois que era fácil de os localizar e eliminar por se encontrarem concentrados, “encurrulados”, em locais específicos¹⁰.

2.2.2. Impacto das Missões na Urbanização/Desenvolvimento nos Locais Onde Se Inseriam

As Missões jesuítas tiveram, ainda, impacto na urbanização /desenvolvimento dos locais em que se inseriam (Carvalho, 2017).

Os Colégios são motivo de uma análise arquitetónica e artística, da História da Arte e da His-

9 Sobre “O Processo Civilizacional”, cf. Elias, 1989; 1990.

10 Ilustrado no Filme: “A Missão”, 1986, Realização de Roland Joffé.

tória Social da Cultura, além do estudo do ponto de vista técnico.

No Brasil, a atuação missionária da ordem fundada por Santo Inácio de Loyola, com destaque para três projetos edificativos – os reais Colégios da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco – que, pelas suas dimensões monumentais, se vinculam intimamente com os processos de urbanização das cidades onde se situam.

O processo jesuíta de ocupação, no qual os Colégios funcionaram como espaços de centralidade e desenvolvimento urbano, levam à consolidação de certas vilas, à fundação de outras e de cidades nas terras brasileiras.

Mas, o importante papel dos Colégios na promoção do ensino superior, voltado principalmente para a formação de novos missionários e ainda como mobilizadores da vida económica e socio-cultural tem sido destacado (Carvalho, 2017). Ao mesmo tempo, formulavam a organização e defesa dos seus habitantes, de forma a provocar uma politização da sociedade como um todo.

Os Colégios também funcionaram como núcleos de expansão do apostolado dos jesuítas para o interior do território colonial, na forma de Missões, que desenvolviam formas de proteção ao indígena, o que resultou num movimento de oposição do Estado português. (Carvalho, *op. cit.*).

Neste sentido, a génese do *habitus* jesuíta reside, então, nas condicionantes duma espécie particular de condições de existência – contingentes e idiossincráticas –, produtora de sistemas de estruturas cognitivas e motivadoras, acompanhadas de um cálculo estratégico que, operando no plano consciente, selecciona e prevê as hipóteses de sucesso tendo em conta a “inscrição”

inconsciente do que é conveniente ou inconveniente fazer em cada situação. Assim, aquelas condicionantes não só produzem a estrutura do *habitus* como estão na base da capacidade de percepção e apreciação de experiências anteriores, com base nas quais se delineiam as estratégias futuras, protagonizadas sucessivamente no presente (Diego Gonçalves, 1996, *op. cit.*).

Em 1759, Marquês de Pombal decreta a expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal. A alegação principal é a de que a companhia se tornara quase tão poderosa quanto o Estado, ocupando funções e atribuições mais políticas que religiosas. Setores da própria Igreja admitem que os jesuítas dão excessiva proteção aos nativos, como aconteceu na Guerra Guarani. Além de fechar a instituição em todo o império português, o Marquês de Pombal muda os estatutos dos Colégios e das Missões e impõe direções leigas. O sistema de capitanias hereditárias é extinto pelo Marquês de Pombal. E, as poucas capitanias que ainda não haviam voltado para as mãos da Coroa portuguesa são compradas ou confiscadas.

Mas, o legado da atuação dos jesuítas permanece sensível na cultura brasileira, como fragmentos de uma história cuja lógica se perde, em parte, com a expulsão da Companhia, de Portugal e suas colónias, durante a política pombalina. De certo modo, esta é a História da Civilização Brasileira, uma história longa, inscrita na contradição de autonomias e dependências; de alianças e cismas; de progressos e desvios; de liberdade e escravidão; de “pessoas” e “gentios”.

O *habitus* dos jesuítas é misto de propagação da fé, de ensino, de divulgação de aculturação, onde se inclui a arte, a ciência e não deixa de obe-

decer a interesses fundamentais (os da propagação da fé) e imediatos (a que têm que se ajustar e delinear para conseguir a inserção nos locais para onde foram); princípios, aqueles, que configuram as suas estratégias – *habitus* que se enquadra nas visões de Berger e Luckhman (1999) – n’ “A Construção Social da Realidade” – pois que o processo de aculturação levado a efeito pelos jesuítas “implica a possibilidade da realidade subjetiva ser transformada”. Estar em contexto social já implica um continuado processo de modificação da realidade subjetiva, em diferentes graus. No caso da aculturação, por via da propagação da fé, levada a cabo pelos jesuítas pelo mundo fora poderemos mesmo falar de casos de alternância (Berger e Luckhmann, *op. cit.*); pois que a realidade subjetiva nunca é transformada por completo, não pode ser alterada por completo por processos sociais. “No mínimo, o indivíduo transformado mantém o mesmo corpo e vive no mesmo universo físico. No entanto, existem, caso de transformação que parecem totais quando comparados com modificações menores. São as chamadas alternâncias – as alternâncias exigem processos de ressocialização” (*id.*: 163-4).

Em suma, se é possível evidenciar a diversidade de efeitos de sentido na diversidade das práticas, se é possível admitir que a dicotomia indivíduo-sociedade se esbate na inter-relação entre social e individual em que, as mudanças na estrutura têm efeitos de sentido a nível individual, manifestos nas práticas, e que, por sua vez, as mudanças individuais se poderão repercutir ao nível estrutural, tendo efeitos a longo prazo, sendo sempre por via de um processo de interinfluência que se processa a mudança, que só o é no eixo sincrónico,

porque a partir do momento em que se repercute no eixo diacrónico já não é mais descontinuidade; por outro lado, e sem ancoragem em qualquer tipo de explicação teleológica, teremos que admitir que, em termos de regularidades, neste processo em que os agentes accionam uma série de competências simbólicas e práticas, “o reforço da competência prática que a “*maitrise*” simbólica promove está ancorado no grau de disponibilidade promovido pela própria “*maitrise*” prática” o que tem subjacente que “a eficácia do simbólico não ultrapassa os limites que esta lhe impõe” (Costa, 1992, *op. cit.*).

E, neste sentido, o ‘processo de incorporação de estruturas objetivas (“interiorização da exterioridade”)’ gènesse das manifestações do *habitus*, se acha dialeticamente associado ao da concertação relativa e reprodução das práticas sociais (“exteriorização do interiorizado”)’ (Bourdieu, 1984: 110). Sendo nesta dialética que entendemos o efeito de aculturação dos indígenas, levado a cabo pelos jesuítas, nos locais por onde passaram e onde permaneceram, com o objectivo fundamental da difusão da fé, e para tanto accionando as estratégias necessárias ao sucesso desse objectivo, por via de objectivos imediatos, contingencial e contextualmente situados, numa dupla condição de missionários e demiurgos (artistas, cientistas, artesãos).

3. Por fim

Atualmente, o Palácio Condes de Tomar, em Lisboa, que acolherá a Província portuguesa dos Jesuítas, depois de reabilitado, e que integra o Património da Santa Casa da Misericórdia de Lis-

boa desde 2012 constituirá uma reserva documental da História da Companhia de Jesus, com impacto arquitectónico e cultural na cidade e no mundo, pois que se integrará um espólio aberto à dimensão turística, também de âmbito religioso, na cidade. A reabilitação do imóvel por parte da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa insere-se num plano mais vasto de reabilitação que aquela entidade tem para aquela zona contígua entre o Largo Trindade Coelho e a Rua de S. Pedro de Alcântara. Uma vez reabilitado, o edifício irá alojar a biblioteca e revista *Brotéria*. *Obra dos Jesuítas*, a biblioteca está “intimamente ligada à revista desde a sua fundação, em 1902”, contando atualmente com cerca de 150 mil volumes, em áreas muito diversificadas, com forte preponderância em história, humanidades, literatura, filosofia e teologia. Do seu espólio são de destacar o importante acervo relativo à história dos Jesuítas em Portugal e no Ultramar e a notável coleção de livros raros dos séculos XVI, XVII e XVIII. Depois de consumada a expulsão, a política seguida pelos jesuítas teve duas vertentes: em primeiro lugar, conservar na Europa o núcleo central da Província de Portugal, constituído pelas casas de formação e algumas residências. Em segundo lugar, reforçar as Missões na Índia que, por se encontrarem em território inglês, podiam ser mantidas e, simultaneamente procurar novos campos de atividade, principalmente no Brasil. Apesar do exílio, a Província de Portugal aumentou os seus efetivos. A Constituição de 1933 aboliu as leis de exceção por motivos religiosos, e o decreto de 12 de Maio de 1941, que reconhecia a Companhia de Jesus como corporação missionária, permitiram normalizar a situação jurídica dos jesuítas

em Portugal. Para além da educação, os jesuítas continuaram a publicação regular da *Brotéria* e surgiram novas revistas de investigação como a *Revista Portuguesa de Filosofia e Economia e Sociologia*. A publicação da *Verbo. A Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* resultou da colaboração entre a editorial Verbo e as instituições culturais da Companhia de Jesus. Este edifício e seu espólio terão grande importância em estratégias de investigação, sobre as dimensões culturais na cidade, permitindo recolher, analisar e ter como resultado final outputs que permitam o acesso à história e impacto dos jesuítas tanto a nível cultural quanto missionário. Assim, será de grande utilidade para a SCML quanto para a Companhia de Jesus, pois terão a sua história e seu acervo estruturalmente coligido, interpretado e classificado, o que em si só é matéria de case study, tanto para a SCML e a Companhia de Jesus, quanto para o grande público, já que será um dos pontos cruciais culturais da cidade de Lisboa. E, assim, a história repete-se, no que à importância cultural e de difusão da fé cristã que os jesuítas sempre tiveram pelos locais onde passaram, desta vez ao verem reabilitado o seu espólio patrimonial, com impacto cultural. E, desta feita, com grande impacto simbólico, já que foi da Igreja de S. Roque – uma das primeiras igrejas jesuítas, em todo o mundo, situada no mesmo Largo que o Edifício dos Condes de Tomar – que os jesuítas partiram para o mundo e, agora, a ela, simbólica e efectivamente, regressam difundindo a fé cristã pela sua prática, e pelo seu espólio, histórico e cultural, e também arquitectónico divulgando as suas missões pelo mundo, por via de práticas que sempre fizeram parte do seu *habitus* específico,

singular e multifacetado, não dissociado do efeito de campo na sua práxis.

Como será visto este regresso dos Jesuítas ao Bairro Alto, Lisboa? Como um ato de (contra) cultura?

Referências Bibliográficas

- Azevedo, C., 2014, *CAMINHOS PARA UMA VIDA SOLIDÁRIA*, Editorial Cáritas.
- Azevedo, F., 1976, "A transmissão da cultura": parte 3, 5. ed. *In A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, INL.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1999), *A Construção Social da Realidade*, Dinalivro, Lisboa.
- Bourdieu, P. 1989, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, P., 1984, "Quelques propriétés des champs". *Questions de Sociologie*. Ed. Minuit, Paris, pp. 113-120.
- Bourdieu, P., 1980 – Le sens pratique. Ed. Minuit, Paris.
- Carvalho, A., 2017 *Arte jesuíta no Brasil Colonial – Os reais colégios da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco*. Versal Editores. Brasil
- Costa, A., 1992, *Sociologia*, Col. "O que É", Lisboa, Difusão Cultural.
- Costa, L., 2010, *A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil*, ARS, vol. 16, São Paulo, Brasil.
- Diego Gonçalves, C., 2002, "Estilo de pensamento da produção de conhecimento científico", Actas do IV Congresso Português de Sociologia, *Passados Recentes, Futuros Próximos*, APS, suporte electrónico.
- Diego Gonçalves, 1996, "(Re)pensar a 'ciência como cultura'", *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº 21, 47-68, Lisboa, CIES-ISCTE.
- Elias, N., 1990, *O Processo Civilizacional*, 2º vol. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Elias, N., 1989, *O Processo Civilizacional*, 1º vol. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Fleck, L. (1981), *Genesis and Development of a Scientific Fact*, Chicago and London, The University of Chicago Press (ed. orig. 1935).
- Heinich, N., 1993, *Du peintre a l'artiste: artisans et académiciens à l'âge classique*, Paris, Les éd. De Minuit.
- Kris, E. e Kurz, O. (1975), *Legend, Myth and Magic in the Image of the Artist*, New Haven & London, Yale University Press.
- Mattos, L. 1958, *Primórdios da Educação no Brasil: O período heroico (1549-1570)*. Rio de Janeiro,

Gráfica Aurora, 1958.

- Marzal, M., 1999, *Las Misiones Jesuitas, una Utopía Posible?*. In Marzal, Manuel María & Tua, Sandra Negr, *Un reino en la frontera: las misiones jesuitas en la América colonial*. Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 489-495.
- Pinto, J.M., 1978, "'Habitus" e ideologias (Bourdieu)' e "'Habitus", instinto de classe e consciência de classe (de Bourdieu a Poulantzas)". In *Ideologias: Inventário Crítico dum Conceito*. Ed. Presença/GIS, pp. 108-131.
- Ribeiro, M.L., 2001: *História da Educação Brasileira – A Organização Escolar* 17ª ed. Campinas, Editora Autores Associados.
- Velho, G. (1981), *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar.